



O impacto do *Covid-19* no ciclo de vida das empresas do setor de consumo cíclico listadas na B3

The impact of *Covid-19* on the life cycle of consumer cyclical companies listed on B3

El impacto del *Covid-19* en el ciclo de vida de las empresas del sector de consumo cíclico que cotizan en B3

Maria Andréia de Sousa

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Brasil.

mariandreia2000@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5185-5141>

Francisco Gleisson Paiva Azevedo

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.

gleisson.paiva01@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6888-1308>

Francisco Edeilson Sousa Vasconcelos

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Brasil.

edeilsonsousa48@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6007-0575>

Francisco Alves de Souza Neto

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

souzanconti@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2061-972X>

Histórico do artigo:

Recepção: 1º semestre de 2022

Aprovação: 1º semestre 2022

Publicado: 2º semestre 2022

RESUMO

A pandemia de *Covid-19* afetou o mundo de várias formas, na economia provocou paralisação do mercado e a redução da produção nas empresas. Diante disso, o mercado financeiro brasileiro também sofreu com períodos de alta volatilidade. Dessa forma, a pesquisa objetiva verificar as variações nos estágios do ciclo de vida em decorrência da pandemia de *Covid-19*. Tomou-se por base as empresas de capital aberto do setor de Consumo Cíclico listadas na B3, analisando a evolução dos ciclos de vida com a consolidação do terceiro trimestre de 2019 e 2020, bem como seus indicadores de endividamento geral, liquidez corrente e rentabilidade do patrimônio líquido, para verificar o comportamento financeiro e econômico. Nos principais resultados, verificou-se que as empresas do subsetor de Automóveis e Motocicletas mantiveram os melhores estágios que as empresas do subsetor de Viagens e Lazer, as mais afetadas pela pandemia. Na análise por indicadores foram destacados o subsetor de Automóveis e Motocicletas pela evolução no endividamento, o subsetor de Tecidos, Vestuários e Calçados pela queda da liquidez de curto prazo, e o subsetor de Utilidades Domésticas pela diminuição de rentabilidade própria. Fatores como a capacidade de

inovação, dependência e limitação de recursos de terceiros e uso de reservas explicam as variações sofridas. Desta forma, analisando a evolução do ciclo de vida e dos índices econômico-financeiros das empresas, foi possível atingir o objetivo da pesquisa, demonstrando os impactos sofridos em decorrência da pandemia de *Covid-19*.

Palavras-chave: Pandemia. *Covid-19*. Ciclo de Vida das Empresas.

ABSTRACT

The *Covid-19* pandemic has affected the world in many ways, in the economy it has brought the market to a standstill and reduced production in companies. As a result, the Brazilian financial market *also* suffered from periods of high volatility. In this way, the research aims to verify the variations in the stages of the life cycle as a result of the *Covid-19* pandemic. Public companies in the Cyclic Consumption sector listed on B3 were taken as a basis, analyzing the evolution of life cycles with the consolidation of the third quarter of 2019 and 2020, as well as their general indebtedness, current liquidity and profitability indicators. equity, to verify the financial and economic behavior. In the main results, it was found that companies in the Automobile and Motorcycle subsector maintained the best stages than companies in the Travel and Leisure subsector, the most affected by the pandemic. In the analysis by indicators, the Automobiles and Motorcycles subsector stood out for the increase in indebtedness, the Textiles, Clothing and Footwear subsector for the drop in short-term liquidity, and the Household Utilities subsector for the decrease in own profitability. Factors such as the ability to innovate, dependence on and limitation of third-party resources and use of reserves explain the variations suffered. In this way, analyzing the evolution of the life cycle and the economic-financial indices of companies, it was possible to achieve the objective of the research, demonstrating the impacts suffered as a result of the *Covid-19* pandemic.

Keywords: Pandemic. *Covid-19*. Enterprise Life Cycle.

RESUMEN

La pandemia de *Covid-19* afectó al mundo de diversas formas, en la economía provocó la paralización de los mercados y redujo la producción de las empresas. Ante esto, el mercado financiero brasileño también sufrió con períodos de alta volatilidad. Así, la investigación tiene como objetivo verificar las variaciones en las etapas del ciclo de vida como resultado de la pandemia de *Covid-19*. Se tomó como base las empresas de capital abierto del sector de Consumo Cíclico listadas en B3, analizando la evolución de los ciclos de vida con la consolidación del tercer trimestre de 2019 y 2020, así como sus indicadores de endeudamiento general, liquidez corriente y retorno sobre el capital propio, para verificar el comportamiento financiero y económico. En los principales resultados, se constató que las empresas del subsector Automóviles y Motocicletas mantuvieron mejores etapas que las empresas del subsector Viajes y Ocio, las más afectadas por la pandemia. En el análisis por indicadores, el subsector de Automóviles y Motocicletas destacó por la evolución del endeudamiento, el subsector de Tejidos, Confección y Calzado por la caída de la liquidez a corto plazo, y el subsector de Servicios Públicos Domésticos por la disminución de su propia rentabilidad. Factores como la capacidad de innovación, la dependencia y limitación de recursos ajenos y el uso de reservas explican las variaciones sufridas. Así, analizando la evolución del ciclo de vida de las empresas y de los índices económico-financieros, fue posible alcanzar el objetivo de la investigación, demostrando los impactos sufridos como consecuencia de la pandemia del *Covid-19*.

Palabras clave: Pandemia. *Covid-19*. Ciclo de vida de las empresas.

1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019 o mundo se deparou com uma situação incomum que impactou gravemente a economia global, a deflagração da pandemia do novo coronavírus, como ficou popularmente conhecida, que rapidamente se espalhou e trouxe danos a diversos setores, que tiveram suas atividades paralisadas com o objetivo de evitar aglomerações de pessoas e consequentemente diminuir a transmissão do vírus (The Organisation For Economic Co-Operation And Development - OECD, 2020). Em decorrência do fechamento das empresas e obrigatório confinamento da população em suas residências, apenas as empresas que compõem as atividades essenciais mantiveram-se ativas, enquanto as demais viram suas receitas despencarem. Isso propiciou um efeito imediato no mercado, levando ao fechamento de empresas já consolidadas e demissão em massa de colaboradores (GULLO, 2020).

Ao contrário da grande depressão de 1930 e da crise de 2008, a pandemia trouxe quedas financeiras imediatas a todos os setores econômicos, a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que em todo o mundo haverá uma drástica queda de 3,2% nas suas economias (SILVA; MACHADO, 2020). Contudo, os mercados estão altamente voláteis e podem viver recessões ainda maiores do que o previsto, agravando mais a situação e exigindo imediatas soluções. A alta volatilidade afetou em maior escala as atividades não essenciais da economia, que devido à política de lockdown precisaram interromper a produção. Os comércios, hotéis, restaurantes e o turismo como um todo, são exemplos claros nessa situação, pois tendem a movimentar uma grande quantidade de pessoas ao mesmo tempo (LIRA; ALMEIDA, 2020).

Uma das formas para verificar o impacto da pandemia nas empresas consideradas não essenciais é por intermédio da aplicabilidade da Teoria do Ciclo de Vida Organizacional, que possibilita classificar as empresas em estágios no transcorrer de suas vidas, tais como nascimento, crescimento, maturidade, turbulência e declínio, avaliando como elas tem se comportado e reagido diante deste cenário crítico (MILLER; FRIESEN, 1984; DICKINSON, 2011). Outra forma de verificar o comportamento dos setores é por meio da utilização de indicadores econômico-financeiros, que apontam a situação da empresa com clareza viabilizando a tomada de decisão (SILVA; REZENDE, 2017).

Diante disso emerge a seguinte questão de pesquisa: Quais as variações nos estágios do ciclo de vida em decorrência da pandemia de *Covid-19* e de que maneira seria possível analisar os impactos gerais da pandemia nesses setores não essenciais da economia? Diante disso, o presente artigo tem como objetivo verificar as variações dos estágios do ciclo de vida das empresas buscando os fluxos de caixa operacional, de investimento e de financiamento do setor cíclico listadas na B3 no terceiro trimestre de 2019 em comparação com o terceiro trimestre de 2020, ainda, objetivou-se analisar os indicadores de Endividamento Geral, Liquidez Corrente e Rentabilidade do Patrimônio Líquido através do valor de ativo, passivo, patrimônio líquido e resultado líquido necessários aos cálculos desses indicadores.

A pesquisa justifica-se por apontar como as empresas do setor de consumo cíclico, listadas na B3, foram impactadas por decorrência da *Covid-19*, comparando os resultados do terceiro trimestre de 2019 e 2020. Esse setor traz uma riqueza de observações, por apontar as fragilidades das empresas que não constituem atividades essenciais, possibilitando analisar o comportamento destas diante de situações adversas e contingenciais, como a situação pandêmica, ainda, a pesquisa corrobora com a literatura por viabilizar análises sobre o comportamento econômico-financeiro desse setor, bem como embasar pesquisas futuras para explorar de forma pormenorizada os resultados atinentes.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 IMPACTOS DA PANDEMIA NA ECONOMIA

No final de 2019 e início de 2020 o mundo se deparou com uma grave situação de pandemia, que trouxe mudanças de hábitos, obrigando a população ao confinamento e paralisando as atividades econômicas (OECD, 2020). Essa crise sanitária e humanitária provocada pela Covid-19 foi considerada responsável pela queda econômica e financeira mundial, propiciando um contingente impacto socioeconômico negativo. A preocupação com o vírus cresceu quando ocorreram os surtos na China, ligando um sinal de alerta para o mundo e colocando os países em estado de atenção (SAEZ; ZUCMAN, 2020). A Covid-19 por ser uma doença infecciosa

respiratória que se espalha por gotas de saliva e contato físico fez com que a economia parasse, pois era preciso que o conglomerado de pessoas deixasse de circular (ROCHA et al., 2020; WU et al., 2020).

Com as empresas obrigadas a parar suas atividades econômicas, funcionando apenas os setores econômicos necessários, o mundo dos negócios começou a sentir diretamente o impacto da situação, que veio trazendo graves efeitos econômicos com consequências duradouras (ROCHA et al., 2020; MATTEI; HEINEN, 2020). De acordo com Gullo (2020) entre as atividades mais afetadas pela pandemia estão as atividades de turismo, que possivelmente será um dos últimos setores a voltar ao estado de normalidade, entretanto, algumas atividades não foram drasticamente afetadas, mais especificamente as atividades essenciais ao dia a dia, como supermercados e as farmácias, que permaneceram durante todo o período de pandemia operando.

A Organização Mundial do Turismo estimou queda brusca de 80% em todo o mundo, devido a paralisação dos transportes aéreos, fechamento de hotéis, pontos turísticos e locais de alimentação. Em grandes países como a Alemanha, o setor de turismo caiu 70%, na Europa os mais afetados foram os cruzeiros marítimos, com queda de 90%, visto que nesse continente o turismo representa 10% do PIB (SANTOS, 2020). No setor Industrial não foi diferente, 3 de cada 4 indústrias sofreram quedas. A paralisação por tempo indeterminado afetou 31% das empresas da área, e 45% continuaram operando, com grandes reduções e quedas drásticas, contudo, 4% tiveram aumento na produção, em contraste a pandemia, compondo as atividades essenciais (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA - CNI, 2020).

Para Kroth (2020) os problemas causados pela pandemia são tão grandes que mesmo com a retomada ainda haverá sequelas atemporais. Baldwin e Di-Mauro (2020) consentem com isso e acrescentam que a pandemia provocará retrocesso ao processo de globalização até nos países mais abastados e desenvolvidos. Em comparação com a crise de 2008 e a grande depressão em 1930, a Covid-19 se espalhou rapidamente pelo mundo, com efeitos sentidos quase que instantaneamente em todo o globo (Ferreira Junior & Rita, 2020). Nos dois primeiros momentos citados houve queda nos mercados financeiros, em torno de 50%, taxas de desemprego de 10%, retração do PIB acima de 10%, mas estes efeitos ocorreram no transcorrer dos anos posteriores, não de imediato como aconteceu em 2020 (ROUBINI, 2020).

Segundo Mattei e Heinen (2020) a pandemia tem afetado o cenário econômico nacional e internacional de três principais maneiras: declinando a produção das empresas, provocando paralisação do mercado e impactando negativamente o cenário financeiro. E embora no segundo semestre de 2020 haja melhorias graduais de crescimento em 6,2% no PIB, não há perspectivas imediatas de alavancagem.

2.2 ASPECTOS FINANCEIROS NO CENÁRIO DE PANDEMIA

Os problemas decorrentes da pandemia estão sendo sentidos em todo o globo, todavia há, um equilíbrio natural entre a economia e o lado financeiro, onde as políticas macroeconômicas em constante movimento buscam resolver as incoerências a curto prazo, mitigando eventuais problemas (SILBER, 2020). Nesse âmbito, observa-se que no mercado financeiro brasileiro, a maior parte das ações sofreram queda. Nesse sentido, é observado que a incerteza do mercado se reflete nos preços, pois são responsáveis pelos ganhos a uma parcela e perdas à outra.

Pensando no futuro, o combate à recessão e o desemprego que decorreram da pandemia em curso passa pela emissão massiva de dívida pública e moeda (RESENDE, 2020). A técnica é

favorável a um possível cenário de hiperinflação onde o financiamento do déficit ocorre através da geração de moeda e cobrança de impostos, que em meio à crise movimentou o mercado (BARBOSA; SALLUM, 2002). Somada a possibilidade anterior, aos investidores é indicada a diversificação das carteiras também em investimentos estrangeiros que impactam positivamente a gestão de ativos públicos no Brasil. Alinhadas, as soluções apresentadas objetivam o aumento de confiança no mercado consequentemente elevando o principal índice da Bolsa brasileira (YOSHINAGA; CASTRO, 2020).

Estimativas da ONU apontam uma drástica redução de 3,2% em 2020 na economia mundial levando a incerteza e o pânico ao mercado financeiro principalmente. Os reflexos já são sentidos nas restrições de capital dos mercados de baixa liquidez que afetam a capacidade financeira individualmente (SILVA; MACHADO, 2020). Contudo os mercados encontram-se totalmente disfuncionais e com uma volatilidade extremamente crescente, o que dificulta mensurar os reais impactos da pandemia na economia mundial. Por isso diversos países têm limitado a atuação dos agentes financeiros e até mesmo encerrado as atividades de mercados (TU; SAYSON, 2020).

Os bancos ajudaram com pacotes de medidas econômicas para assegurar empregos e honrar os pagamentos, mas isso não foi suficiente para enfrentar a pandemia (MARANHÃO; SENHORAS, 2020). Assim, é necessário planejar o “pós-crise”, primeiro no referente a investimentos no setor privado e, depois na reformulação dos mecanismos financeiros do setor público, como reformas tributárias (MELLO *et al.*, 2020). Diante de tudo, muitas empresas sofreram para se manterem ativas no mercado e se adequarem ao novo normal. Por outro lado, houve aquelas que não sofreram tanto e souberam se sobressair diante da crise que se vivia. Isso pode ser explicado pela Teoria do Ciclo de Vida Organizacional, que investiga o estágio do ciclo de vida em que se encontra cada empresa durante o período analisado (MILLER; FRIESEN, 1984).

2.3 TEORIA DO CICLO DE VIDA ORGANIZACIONAL

A Teoria do Ciclo de Vida Organizacional parte do princípio de que as empresas passam por estágios ao longo de suas vidas, elas nascem, crescem, amadurecem, se reinventam ou colocam um ponto final nas suas atividades. Diferente dos seres vivos o ciclo de vida das empresas não é cíclico, pois as empresas podem ficar maduras e depois voltarem novamente para seu nascimento, assim também como elas podem nascer e ir diretamente para sua fase de declínio (SILVA; REZENDE, 2017).

A literatura retrata que o ciclo de vida ao qual cada empresa está sujeita irá depender das decisões que os administradores tomam, assim também como o ramo de atividade que a empresa executa, se a concorrência no mercado é alta ou baixa. Esses pontos, entre outros, podem fazer com que a empresa decline, cresça ou se mantenha como está, tendo então, um ciclo de vida não linear (GIRÃO, 2016). À medida que o crescimento da empresa se estabiliza ela já não reinveste todo o seu capital e passa a distribuir seus lucros. Logo que os competidores de mercado passam a utilizar esta mesma ideia da empresa, ela precisa se reinventar ou apenas se retirar aos poucos do mercado (MUELLER, 1972).

Embora todo esse processo não ocorra linearmente, os vários modelos de ciclo de vida buscam entender como a empresa reage em cada estágio. Baseados nos conceitos biológicos que envolvem um ciclo de vida, durante anos, vários modelos foram criados com a finalidade de

explicar os estágios que uma organização passa ao longo de sua existência (MARTINEZ; BASSETTI, 2016). Um dos modelos bastante estudados foi desenvolvido pela autora Victoria Dickinson que desenvolveu uma proxy do ciclo de vida organizacional com base no comportamento previsto nos fluxos de caixas, de acordo com as atividades operacionais, de investimento e de financiamento das empresas nos diferentes estágios do ciclo de vida (COSTA *et al.*, 2017).

Os diferentes fluxos de caixa (operacional, de financiamento ou de investimento) podem registrar as diferenças de rentabilidade, de crescimento e de risco de acordo com o estágio em que esteja a empresa (DICKINSON, 2011). A autora estruturou seu modelo em cinco estágios/fases: nascimento/introdução, crescimento, maturidade, turbulência (shake-out) e declínio. A abordagem que o modelo de Dickinson (2011) traz é considerada como orgânica, visto que a classificação e identificação do estágio do ciclo de vida da empresa decorre do resultado de desempenho e da alocação de recursos da empresa. Os fluxos de caixa recebem um sinal positivo ou negativo resultando em 8 combinações possíveis. Essas combinações são associadas aos estágios de ciclo de vida, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1 - Classificação do Ciclo de Vida

| Fluxo | Introdução | Crescimento | Maturidade | Turbulência | | | Declínio | |
|----------------------|------------|-------------|------------|-------------|-----|-----|----------|-----|
| | (1) | (2) | (3) | (4) | (5) | (6) | (7) | (8) |
| Operacional | - | + | + | + | - | + | - | - |
| Investimento | - | - | - | + | - | + | + | + |
| Financiamento | + | + | - | + | - | - | + | - |

Fonte: Adaptado do modelo de Dickinson (2011).

A partir destas combinações, por meio dos Fluxos de Caixa é possível analisar em qual estágio do ciclo de vida a empresa se encontra. A autora argumenta uma série de razões para que os fluxos de caixa sintetizem os estágios do ciclo de vida: eles são mais alinhados com a forma funcional de lucratividade do que classificações concorrentes, como o retorno sobre os ativos operacionais, retorno sobre os ativos, receita de vendas, entre outras (SILVA, 2016).

Então, analisando a Demonstração do Fluxo de Caixa das empresas e fazendo suas devidas combinações será possível analisar em quais estágios as empresas se encontravam, pois os estágios possuem características específicas que poderão fornecer informações sobre a empresa e informar como as empresas se sobressaíram em 2020 diante do cenário instável da economia em meio à pandemia do novo coronavírus. Com isso, emerge a hipótese de pesquisa:

H1: As empresas sofreram variações nos estágios do ciclo de vida em decorrência da pandemia de Covid-19.

3. METODOLOGIA

Tendo como foco verificar o comportamento do ciclo de vida das empresas no período de pandemia, tomou-se por base as empresas de capital aberto do setor de Consumo Cíclico listadas na B3 (Brasil, Bolsa e Balcão), analisando o terceiro trimestre consolidado de 2019 com o terceiro trimestre consolidado de 2020. A justificativa para a escolha do Setor de Consumo Cíclico se deu

pela razão de ser um setor formado por subsetores e segmentos que não são considerados tão essenciais. Analisar estas empresas vai ser uma oportunidade de entender como elas reagiram diante da pandemia da *Covid-19*, como elas se sobressaíram diante do período de *lockdown*, se permaneceram com bons rendimentos ou não, entre outras observações.

A amostra total foi de 79 empresas segregadas em subsetores, e verificar o ciclo de vida, usou-se o modelo do ciclo de vida de Dickinson (2011), fazendo uso dos fluxos de caixas das empresas e destacando-se os padrões operacionais, de investimento e financiamento, para então classificar em um dos estágios do ciclo de vida. Em um segundo momento foram analisados os índices econômico-financeiros: endividamento geral, liquidez corrente e a rentabilidade PL das empresas dos subsetores analisados para verificar a sua relação com o ciclo de vida das empresas analisadas, conforme demonstra a Quadro 2.

Quadro 2 - Índices econômico-financeiros utilizados na análise

| Nome do Índice | Fórmula | Objetivo |
|----------------------------|--|---|
| Endividamento Geral | $ED = \frac{\text{Capital de Terceiros}}{\text{Ativos Totais}} \times 100$ | Analisar a média de capital de terceiros utilizada pelas empresas no período da pandemia de <i>Covid-19</i> . |
| Liquidez Corrente | $LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$ | Analisar a média de liquidez no curto prazo das empresas no período da pandemia de <i>Covid-19</i> . |
| Rentabilidade PL | $ROE = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$ | Analisar a média de retorno que as empresas geraram em relação aos seus recursos próprios no período da pandemia de <i>Covid-19</i> . |

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

4. RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DO CICLO DE VIDA DAS EMPRESAS DO SETOR CÍCLICO

O subsetor de Automóveis e Motocicletas permaneceu em estabilidade, mantendo as empresas nos estágios de introdução, crescimento e maturidade em ambos os anos analisados, como mostra a Tabela 1. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA, 2020) os impactos no subsetor não foram maiores porque as indústrias e montadoras trabalhavam com 12,5% de sua capacidade. Contudo, a Pesquisa Industrial Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) apontou queda de 9,1% se comparado a 2019.

Valente Junior (2020) em seus achados vem confirmar que mesmo mantendo constância e sem parar totalmente, houve evidência de redução de 31,7% na exportação de automóveis entre 2019 e 2020. Além disso, apresentou uma variação negativa de 4,96% relativo à força de trabalho, mostrando que além de redução na produção, afetou-se a classe trabalhadora com efeitos que irão perdurar no transcorrer de alguns anos.

Tabela 1 - Estágio do Ciclo de Vida das Empresas analisadas no terceiro trimestre consolidado de 2019

| Subsetor | Total de empresas no subsetor | Introdução | Crescimento | Maturidade | Turbulência | Declínio |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-------------------|--------------------|-------------------|--------------------|-----------------|
| Automóveis e Motocicletas | 3 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Comércio | 11 | 3 | 2 | 5 | 0 | 1 |
| Construção Civil | 27 | 3 | 5 | 7 | 6 | 6 |
| Diversos | 7 | 4 | 0 | 2 | 0 | 1 |
| Hotéis/ Restaurantes | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| Tecidos, Vestuário e Calçados | 18 | 1 | 1 | 9 | 4 | 3 |
| Utilidades Domésticas | 5 | 3 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Viagens e Lazer | 6 | 2 | 1 | 3 | 0 | 0 |

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Já o subsetor de Comércio, como mostra a Tabela 1, sofreu uma queda, pois em 2019 apontava 5 empresas no estágio de maturidade, 2 em crescimento, 1 em declínio e nenhuma em turbulência. Em 2020, como apontado na Tabela 2, o subsetor apresentou apenas 3 em fase de maturidade, 1 em turbulência, 1 em declínio e 3 em crescimento, confirmando que a situação de lockdown e fechamento dos estabelecimentos de setores não essenciais foi sentida com as paralisações, o que fez as empresas regredir de estágio.

No referente ao subsetor de Construção Civil, que detém o maior número de empresas listadas na B3, um total de 27, pode-se ter um panorama de como a pandemia o afetou. Até o terceiro trimestre consolidado de 2019, o subsetor apresentava apenas 3 empresas no estágio de introdução, e em 2020 de acordo com a Tabela 2, o subsetor apontava 12 empresas na fase de introdução. Contudo destaca-se que em 2019, conforme a Tabela 1, haviam 5 empresas no estágio de crescimento, 7 em maturidade, 6 em turbulência e 6 em declínio. Em 2020 haviam 9 empresas em crescimento, 3 em turbulência e 2 em declínio, isso porque de acordo com a Associação Brasileira da Construção Industrializada de Concreto (ABCIC, 2020) as empresas precisaram se reinventar e começaram a crescer em torno de 40% no final de 2020. Porém, revelaram fragilidade levando a apenas 1 das 7 empresas permanecer na maturidade.

Corroborando com os achados de Pereira e Azevedo (2020), o subsetor da Construção Civil vive impactos jamais mensurados em sua história, revelando o despreparo para suportar uma crise, e exigindo medidas eficientes no que tange ao desenvolvimento de medidas e protocolos para propiciar retorno dos canteiros de obras. Isso porque como provado por Nunes et al. (2020) a construção civil tem ligação direta com o PIB do país, já que compõe 5,3%.

Tabela 2 - Estágio do Ciclo de Vida das Empresas analisadas no terceiro trimestre consolidado de 2020

| Subsetor | Total de empresas no subsetor | Introdução | Crescimento | Maturidade | Turbulência | Declínio |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-------------------|--------------------|-------------------|--------------------|-----------------|
| Automóveis e Motocicletas | 3 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Comércio | 11 | 3 | 3 | 3 | 1 | 1 |
| Construção Civil | 27 | 12 | 9 | 1 | 3 | 2 |
| Diversos | 7 | 1 | 4 | 0 | 2 | 0 |
| Hotéis e Restaurantes | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Tecidos, Vestuário e Calçados | 18 | 1 | 6 | 8 | 3 | 0 |
| Utilidades Domésticas | 5 | 2 | 0 | 2 | 1 | 0 |
| Viagens e Lazer | 6 | 3 | 1 | 0 | 0 | 2 |

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O subsetor de Diversos, que abrangem empresas que em sua composição têm os mais variados produtos, foi o que melhor se sobressaiu com a crise, levando 4 empresas da fase de introdução em 2019 para o estágio de crescimento em 2020, graças aos chamados e-commerce e *deliveries*, que propiciaram às empresas manterem suas lojas funcionando virtualmente. Segundo estudo da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2020) o comércio virtual cresceu 94% na pandemia, freando os impactos negativos de forma estratégica.

Para o subsetor de Hotéis e Restaurantes a pandemia trouxe impactos severos, levando muitos estabelecimentos a fecharem e demitirem seus funcionários onde, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020) o setor de alojamento e alimentação reduziu em cerca de 8,15% o seu pessoal. As duas empresas listadas na B3 passaram de crescimento e turbulência, para introdução, como verificado nas Tabelas 1 e 2.

No subsetor de Tecido, Vestuário e Calçados a situação é um pouco melhor em comparação com os demais setores, pois havia em 2019 apenas 1 empresa na fase de crescimento, 9 em maturidade, 4 em turbulência, 3 em declínio. Já em 2020, 6 empresas se encontravam no estágio de crescimento, 8 em maturidade, 3 em turbulência e nenhuma em declínio, evidenciando que as empresas conseguiram se sobressair e avançar de estágio.

Como no subsetor de Diversos as vendas on-line foram as molas propulsoras dessa alavancagem, a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABCOMM, 2020) mostra que desde o início da pandemia 107 mil lojas aderiram à venda on-line, passando de 135 mil lojas ativas em 2019 para 242 mil em 2020. O e-commerce como um todo registrou mais de 50% de crescimento nas vendas oriundas de seus serviços e produtos. Mendes Junior (2020) vem confirmar com seus achados que mesmo conseguindo manter um mínimo equilíbrio com as vendas online, o desempenho das vendas do varejo de Tecidos, Vestuário e Calçados variou negativamente em torno de 39,6%, isso pode ser explicado pelo fechamento das lojas físicas em comparação ao mesmo período de 2019.

Já no subsetor de Utilidades Domésticas, onde em 2019 conforme a Tabela 1 podemos ver que haviam 3 empresas no estágio de introdução, 1 em crescimento e 1 em declínio. Em 2020 mudou para 2 no estágio de introdução, 2 em maturidade e 1 em turbulência. Assim, o subsetor cresceu em plena situação de pandemia. Isso se deve inclusive ao confinamento das pessoas em suas residências, que com mais tempo em casa, alavancaram a procura por itens que compõem o uso doméstico, segundo a Pesquisa Anual do Comércio (PAC, 2020) que também destacou o crescimento do mercado brasileiro de utensílios domésticos em 30,8%.

O subsetor de Viagens e Lazer sofreu um drástico impacto onde, em 2019, das 6 empresas listadas na B3 no setor cíclico, 2 estavam no estágio de introdução, 1 em crescimento e 3 em maturidade. Em 2020, 3 estavam em introdução, 1 em crescimento e 2 em declínio conforme Tabela 2. Assim, podemos observar que as empresas em maturidade não possuíam solidez financeira suficiente para suportar a pandemia, figurando no pior estágio.

As empresas de Viagens e Lazer dependem integralmente do setor de turismo, e por conta da paralisação e proibição de circulação de pessoas este foi gravemente afetado. A Organização Mundial do Turismo apontou queda de 80% em todo o mundo, o que proporcionou às empresas viverem momentos de instabilidade indeterminadamente. Conforme os achados de Tomé (2020), o turismo é um setor que tem grande importância no país, empregando 3% do total de trabalhadores do Estado e vinha em constante crescimento. Contudo, viveu um declínio inesperado, onde as perdas no setor totalizaram 116,7 bilhões no biênio 2020-2021, uma queda de 21,5%.

4.2 ANÁLISE DOS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS

A Tabela 3 traz a análise dos indicadores econômico-financeiros das empresas do setor cíclico da B3 em relação ao terceiro trimestre consolidado de 2019 e de 2020. Foram analisados os indicadores de endividamento geral, liquidez corrente e rentabilidade do PL.

No subsetor de Automóveis e Motocicletas foi percebido que o endividamento aumentou de 2019 para 2020, significando que houve aumento na dependência de capital de terceiros em 2020, visto que quanto maior essa variável, maior a dependência de recursos. Isto justifica o estágio do ciclo de vida que as empresas destes subsetores apresentaram: introdução, crescimento e maturidade. Nesses estágios é comum as empresas utilizarem recursos de terceiros para alavancarem suas receitas.

Tabela 3 - Indicadores Econômico-Financeiros das empresas do Setor Cíclico da B3 nos três primeiros trimestres de 2019 e 2020

| Subsetores | Endividamento Geral | | Liquidez Corrente | | Rentabilidade PL | |
|--------------------------------------|---------------------|------|-------------------|------|------------------|------|
| | 2019 | 2020 | 2019 | 2020 | 2019 | 2020 |
| Automóveis e Motocicletas | 12% | 19% | 1,18 | 1,06 | 30% | 17% |
| Comércio | 13% | 15% | 1,56 | 1,7 | -55% | 6% |
| Construção Civil | 93% | 88% | 2,59 | 3,01 | 14% | -2% |
| Diversos | 81% | 12% | 4,24 | 2,88 | 5% | -4% |
| Hóteis e Restaurantes | 24% | 81% | 4,45 | 4,41 | 1% | -29% |
| Tecidos, Vestuário e Calçados | 10% | 14% | 3,91 | 2,47 | 3% | -7% |

| | | | | | | |
|------------------------------|-----|-----|------|------|------|-----|
| Utilidades Domésticas | 48% | 61% | 1,26 | 1,14 | 10% | 8% |
| Viagens e Lazer | 90% | 11% | 5,25 | 5,75 | -53% | 58% |

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O subsetor de Comércio apresentou em 2020 um índice de endividamento superior ao de 2019. O endividamento das empresas deste subsetor evidenciou uma acentuada dependência financeira justificada pelo fato de as empresas de comércio serem bastante afetadas pelo lockdown, com suas portas fechadas e tendo que cumprir com suas obrigações. Assim, o capital de terceiros foi um recurso viável para as empresas manterem-se em dia.

Analisando o subsetor de Construção Civil, o seu endividamento declinou de 93% em 2019 para 88% em 2020, significando que diminuíram sua dependência de recursos de terceiros. De acordo com o endividamento apresentado verifica-se que as empresas de construção civil foram cuidadosas e procuraram manter-se com seus próprios capitais no ano de crise.

Os danos da pandemia ainda não foram mensurados em sua totalidade, porém, a crise causada pelo *Covid-19* não atingiu todas as empresas da mesma maneira (SOUSA, 2020). Isso se pode observar no subsetor de Diversos que foi o subsetor de menor endividamento em 2020 com suas empresas no estágio de crescimento. Indica que foi um ano positivo pois as empresas sobressaíram-se com suas vendas, habituando-se a funcionar virtualmente e se desviando dos impactos da pandemia.

Verificando o endividamento no subsetor de Hotéis e Restaurantes percebe-se uma progressão do índice em 2020. Este subsetor foi um dos mais impactados pela pandemia do coronavírus, constatando que as empresas do subsetor de Hotéis e Restaurantes voltaram para o estágio de introdução em 2020, o uso do capital de terceiros foi utilizado tanto para alavancar sua atividade quando retornaram como quando suas portas foram fechadas. Além disso, para manter suas despesas com o estabelecimento e com os empregados, por exemplo, as empresas se viram obrigadas a fazer uso de recursos de terceiros para sustentar-se (OLIVEIRA et al., 2020).

O subsetor de Tecidos, Vestuários e Calçados não foi tão afetado no ciclo de vida das suas empresas, porém o índice de endividamento de 2019 para 2020 aumentou. Com a mudança no comportamento dos consumidores em 2020, em que os consumidores buscaram comprar bens que lhes proporcionam segurança, a compra de roupas e calçados, por exemplo, ficou para segundo plano (REZENDE et al., 2020). Isso explica porque o endividamento aumentou, já que as receitas das empresas passaram a não serem suficientes para suprir suas necessidades, se valendo então de recursos de terceiros.

Referente ao subsetor de Utilidades Domésticas, como analisado no ciclo de vida das empresas deste subsetor, elas não foram tão impactadas nos seus estágios, sendo que permaneceram nos estágios de introdução, maturidade e turbulência. Porém, em relação ao seu endividamento, de 2019 para 2020 o índice aumentou, onde entende-se que de 100% do capital próprio que a empresa usou/investiu, foram utilizados 61% de capital de terceiros.

Adentrando no último subsetor em análise do seu endividamento, tem-se as empresas que fazem parte do subsetor de Viagens e Lazer, em que foi verificada uma queda no endividamento de 2019 para 2020, concluindo que as empresas não fizeram muito uso de capital de terceiros para se manterem liquidando as dívidas em 2020. Embora este subsetor tenha sido muito impactado

nas suas atividades com a pandemia, é especulado que as empresas mantinham uma ótima reserva de emergência para usarem.

Partindo para a análise da liquidez corrente detecta-se no subsetor de Automóveis e Motocicletas um índice de 1,18 em 2019 que passa para 1,06 em 2020. Com isso, afirma-se que em 2019 e 2020 as empresas conseguiram pagar todas as suas dívidas de curto prazo com recursos do ativo circulante, mas neste último ano essas obrigações ficaram bem próximas dos valores anteriores revelando que trabalhavam no limite.

No subsetor de Comércio a variação do índice foi pequena, onde houve um aumento de 1,56 para 1,7. Levando em consideração que as contas das empresas foram afetadas pela política de lockdown, através da leve alteração na liquidez corrente pode-se concluir que ao final do terceiro trimestre de 2020 é notável uma recuperação mais lenta. O comportamento se explica também através da ascensão da modalidade eletrônica e manutenção das atividades essenciais como dos supermercados, por exemplo.

O subsetor de Construção Civil teve um crescimento no seu índice de liquidez corrente que permitiu em 2020 que as empresas componentes tivessem em média R\$3,00 em ativo circulante para cada R\$1,00 em dívidas de curto prazo. Tal crescimento, assim como observado na diminuição do endividamento, são reflexos da não paralisação total das atividades em estados como São Paulo e Rio de Janeiro (DIAS *et al.*, 2020).

Com relação ao subsetor de Diversos onde existem empresas que trabalham com locação de veículos e educação a adequação ao “novo normal” tem sido satisfatória no que se refere aos índices analisados no período. No entanto, houve uma queda na média de liquidez corrente onde antes era possível pagar pouco mais de 4 vezes as obrigações de curto prazo com ativo circulante. O número diminuiu para menos de 3, o que representa um financiamento menor do passivo.

Em Hotéis e Restaurantes a liquidez corrente obteve uma estabilidade, demonstrando que em meio a pandemia a classe optou por não adquirir novos recursos. O índice permaneceu na casa dos 4 pontos, traduzindo que para cada R\$1,00 em dívidas correntes, as empresas possuem em média quatro vezes mais para quitar esses valores. A estabilidade pode ser explicada pelo período máximo que os hotéis podem se sustentar, ou seja, até 2 meses que são suficientes para mudar todo o panorama de adequação à pandemia (FEGGER; DIAS, 2020).

O subsetor de Tecidos, Vestuário e Calçados apresentou queda na liquidez corrente passando de 3,91 em 2019 para 2,47 em 2020. O declínio pode ser explicado pela acentuada baixa de 35,7% das vendas no volume de peças do varejo de vestuário em março de 2020, conforme aponta a Inteligência de Mercado (IEMI) (MENDES JÚNIOR, 2020). Após isso, nos meses seguintes houve uma estabilização seguida de aumento quando a pandemia perdeu força.

No subsetor de Utilidades Domésticas houve queda na capacidade de pagamento, no entanto, bem menor que nas observadas anteriormente. O índice foi de 1,26 para 1,14. Como expresso antes, a pandemia fez o mercado de materiais domésticos crescer, portanto é notável que as aquisições também aumentassem e conseqüentemente diminuísse a quantidade de recursos correntes para cada real em obrigações.

Por fim, tem-se o subsetor de Viagens e Lazer que apesar de ter sido um dos mais afetados pela pandemia conseguiu aumentar sua liquidez corrente mantendo-a acima dos 5 pontos. O índice permite entender que as empresas dessa classe possuem cinco vezes mais recursos correntes que

dívidas de curto prazo. Até o início do segundo semestre não havia grande interesse por parte da população em viajar a lazer, mas as empresas já haviam voltado à ativa. Esse detalhe pode ter sido mais um dos responsáveis pela estabilidade nos índices, pois essas empresas conseguem se recuperar mais rápido em períodos sazonais de procura (GONÇALVES et al, 2020).

Partindo para a análise do índice de rentabilidade do PL dos subsetores do setor de consumo cíclico das empresas da B3, verificando o subsetor de Automóveis e Motocicletas já foi analisado que o endividamento de 2019 para 2020 aumentou, a liquidez corrente de 2019 para 2020 caiu, o que fez a rentabilidade do patrimônio líquido das empresas deste subsetor também fosse impactada. Assim, a capacidade de agregar das empresas à partir de seus próprios recursos e do dinheiro de investidores foi afetada negativamente pela pandemia do *Covid-19*. Verificando o subsetor de Comércio percebe-se que a rentabilidade do PL em 2019 era negativa, em 2020 estava positiva, e a partir do momento que as empresas do subsetor de Comércio conseguiram se sobressair diante da crise, a rentabilidade se recuperou.

Até o momento havia se observado no subsetor de Construção Civil indicadores com uma evolução positiva. No entanto, a rentabilidade muda o cenário, onde em 2019 o índice passou de 14% para -2% em 2020. A queda no rendimento reflete as dificuldades enfrentadas contra a pandemia, como trabalho com capacidade reduzida e a parada dos canteiros de obras (PEREIRA; AZEVEDO, 2020).

No subsetor de Diversos a rentabilidade passou de 5% em 2019 para -4% no ano seguinte. O comportamento observado foi relativamente menor que no subsetor anterior, mas a queda demonstra que as empresas estão em média com dificuldades de converter seu capital em lucro e crescer financeiramente. O índice da rentabilidade PL vem justamente retratar quanto a empresa obteve de resultado (lucro ou prejuízo) para cada R\$ 100,00 de capital próprio investido (SOUSA, 2020). Conclui-se que as empresas do subsetor de Diversos apresentaram um resultado negativo quanto ao que foi investido do seu capital próprio.

Com relação à rentabilidade dos Hotéis e Restaurantes, o índice assusta mais e sinaliza negativamente ao mercado com média de 30% de queda. O resultado era esperado frente às restrições de funcionamento de meses durante a pandemia. Afinal, sem fregueses ou hóspedes era praticamente impossível se manter, como se observou na análise do endividamento.

No subsetor de Tecidos, Vestuário e Calçados a diminuição de 10% na rentabilidade mostra que a área foi afetada pela pandemia, mas conseguiu contornar danos maiores. O comércio eletrônico e a ideia de priorizar o essencial deixando em segundo plano o vestuário podem ter sido os principais balanceadores do efeito (REZENDE et al., 2020).

Quanto a rentabilidade do PL no subsetor de Utilidades Domésticas apontou-se uma leve queda de 2% se comparado 2019 com 2020. Assim, a rentabilidade em 2020 mostrou que as empresas em médias conseguiram gerar apenas 8% de lucro no relacionado ao 100% de capital próprio investido em 2020. A queda só não foi maior porque as pessoas, confinadas em suas residências por restrições de circulação, faziam pequenos estoques.

Na observância da rentabilidade do subsetor de Viagens e Lazer pode-se ver uma melhora no controle de dívidas, que resultou na melhora do grau de endividamento como já analisado, sustentando-se com capital próprio frente a dificuldades. E conforme os achados de (Santos et al., 2020), sobre a empresa de viagens CVC, por exemplo, manter-se apenas com capital de terceiros

trouxe dependência e deficiência, afetando diretamente a rentabilidade do PL, pois o turismo é variável e com clientela sazonal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise causada pela pandemia de *Covid-19* afetou o mundo fortemente, onde todos os setores da economia foram impactados de alguma forma. Entre eles está o setor cíclico que compreende empresas com atividades não essenciais, as quais se destacam por serem as principais prejudicadas com a política de lockdown. Sendo assim, a presente pesquisa focou em analisar as variações nos estágios de ciclo de vida organizacional pelo modelo de Dickinson (2011), além de verificar as alterações nos indicadores de endividamento geral, liquidez corrente e rentabilidade do patrimônio líquido no terceiro trimestre de 2019 e de 2020.

Verificou-se grandes mudanças decorrentes da pandemia no setor cíclico das empresas listada na B3. Enquanto algumas empresas conseguiam se sobressair mesmo que timidamente como as empresas de Automóveis, outras empresas despencaram como as de Viagens, que passaram de introdução e crescimento para declínio, mediante total paralisação. É importante salientar que a pandemia exigiu dos negócios, inovações e criatividade, nesses aspectos destacou-se o Comércio, que manteve equilíbrio inovando com as vendas virtuais e delivery, viabilizando aumento de 50% no e-commerce.

Quanto à análise dos indicadores econômico-financeiros, pode-se ver que no tocante ao endividamento, alguns subsetores estavam dependentes de capital de terceiros para lutar contra a crise. Foi o caso das empresas de Automóveis e Motocicletas, e de Comércio, o que permitiu manter estabilidade e frear as consequências da crise. Na liquidez corrente, a maioria das empresas do setor cíclico apresentaram índice favorável a cumprir com suas obrigações de curto prazo. As exceções eram os subsetores de Tecidos, Vestuário e Calçados, e de Utilidades Domésticas, que sentiram de perto a quantidade limitada de recursos, necessitando estabelecer prioridades mais urgentes. Com o índice de rentabilidade houve a mesma inclinação. As empresas que apresentaram menores resultados obtiveram empréstimos de curto e longo prazo para honrar com suas obrigações, como o subsetor de Utilidades Domésticas, enquanto aqueles que preferiram usar seus recursos reservas obtiveram melhores resultados, o que fez diferença no retorno de seus lucros.

Diante disso, o objetivo foi atingido, sendo possível observar e constatar variações nos estágios do ciclo de vida, e mesmo oscilações negativas. As comprovações expressaram-se pela análise de índices econômico-financeiros que evidenciaram os motivos que levaram o setor a sofrer drásticos impactos. Assim, a presente pesquisa abre espaço para que novos estudos sejam estruturados, possibilitando o emprego de novas variáveis para maior abrangência de análise. E também, instigando a comparar períodos anteriores, a fim de mensurar com maior amplitude e incremento de dados os impactos da pandemia no setor cíclico, que agrega as empresas conhecidas como não essenciais e mais agitadas financeiramente.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES (ANFAVEA). **Anuário Estatístico da Indústria Automobilística Brasileira**. 2020. Disponível em: <www.anfavea.com.br/anuario.html> Acesso em: 26 de dez de 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA CONSTRUÇÃO INDUSTRIALIZADA DE CONCRETO. (ABCIC). **Na pós-pandemia, demanda por construção rápida vai crescer**. 2020.

Disponível em: <<https://www.abcic.org.br/Noticia/Exibir/na-pos-pandemia-demanda-por-construcao-rapida-vai-crescer>> Acesso em: 12 de dez de 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMÉRCIO ELETRÔNICO. (ABCOMM). **Pesquisas e dados do e-commerce brasileiro**. 2020. Disponível em: <<https://abcomm.org/pesquisas/>> Acesso em: 26 de dez de 2022.

BALDWIN, R.; DI MAURO, B. W. Economics in the time of COVID-19: A new eBook. **VOX CEPR Policy Portal**, v. 2, n. 3, 2020.

BARBOSA, F. H. SALLUM, E.M. Hiperinflação: um arcabouço teórico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 56, p. 517-549, 2002.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Sondagem especial** - Ano 20, n. 77. Brasília. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Boletim informativo**. 2020. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/>> Acesso em: 12 de dez de 2022.

COSTA, W.B. *et al.* **Análise dos estágios de ciclo de vida de companhias abertas no Brasil: Um estudo com base em variáveis contábil-financeiras**. BBR. Brazilian Business Review, v. 14, p. 304-320, 2017.

DIAS, S. C. *et al.* Cenário da Construção Civil no Brasil durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e528974464-e528974464, 2020.

DICKINSON, V. Cash flow patterns as a proxy for firm life cycle. **The accounting review**, v. 86, n. 6, p. 1969-1994, 2011.

FERREIRA JUNIOR, R. R., RITA, L. P. S. **Impactos da Covid-19 na Economia: limites, desafios e políticas**. Cadernos de Prospecção, 13(2 COVID-19), 459-459, 2020.

FEGER, J. E. DIAS, C. P. **Panorama dos impactos da pandemia instaurada pela COVID-19 no setor hoteleiro de Florianópolis/SC**. Espaço e Tempo Midiáticos, 3(2), 12-12, 2021.

GIRÃO, L. F. A. P. **Competição por Informações, Ciclo de Vida e Custo do Capital no Brasil**. 2016. 54 f. Tese - Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, João Pessoa, 2016.

GONÇALVES, S. *et al.* **Percepção de segurança e risco de contágio por covid-19 durante as vivências de lazer do residente do Rio Grande Do Norte**. LICERE-Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, v. 23, n. 3, p. 309-340, 2020.

GULLO, M. C. R. **The economy in pandemic Covid-19: some considerations**. Revista Rosa Dos Ventos-Turismo e Hospitalidade, 12(3), 1-8, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. (IPEA). 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/>> Acesso em: 12 de dez de 2022.

- KROTH, D.C. **A economia brasileira frente a pandemia do covid-19: entre as prescrições e as propostas do governo.** Grupo de Pesquisa Estado, sociedade e políticas públicas, 2020.
- LIRA, M. C.; ALMEIDA, S. A. **A volatilidade no mercado financeiro em tempos da pandemia do (novo) Coronavírus e da Covid-19: Impactos e projeções.** *Facit Business and Technology Journal*, v. 1, n. 19, 2020.
- MARANHÃO, R. A. SENHORAS, E. M. **Pacote econômico governamental e o papel do BNDES na guerra contra o novo coronavírus.** *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 2(4), 27-39, 2020.
- MARTINEZ, A. L.; BASSETTI, M. **Ciclo de vida das empresas, book-tax differences e a persistência nos lucros.** *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, v. 10, n. 2, 2016.
- MATTEI, L.; HEINEN, V. L. **Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro.** *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 40, p. 647-668, 2020.
- MELLO, G. *et al.* **A coronacrise: natureza, impactos e medidas de enfrentamento no Brasil e no mundo.** *Nota do Cecon*, v. 9, p. 1-23, 2020.
- MENDES JÚNIOR, B. O. **Produção e comércio de vestuário do Brasil, Nordeste e Ceará frente à Pandemia.** *Caderno Setorial ETENE*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 5, n.118, 2020.
- MILLER, D.; FRIESEN, P. H. **A longitudinal study of the corporate life cycle.** *Management science*, v. 30, n. 10, p. 1161-1183, 1984.
- MUELLER, D. C. **A life cycle theory of the firm.** *The Journal of Industrial Economics*, v. 20, n. 3, p. 199-219, 1972.
- NUNES, J.M. *et al.* **O setor da Construção Civil no Brasil e a atual crise econômica.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. e393997274-e393997274, 2020.
- THE ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT - OECD. (2020). **Evaluating the initial impact of COVID-19 containment measures on economic activity.** Paris: OCDE. Disponível em: <<https://bit.ly/3fngaiZ>> Acesso em: 12 de dez de 2022.
- OLIVEIRA, S. D. *et al.* **Impactos da covid-19 na qualidade da prestação de serviços hoteleiros no Brasil.** *Ateliê do Turismo*, v. 4, n. 2, p. 27-52, 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/tags/organizacao-mundial-do-turismo>> Acesso em: 01 de dez de 2022.
- PEREIRA, L. L.; AZEVEDO, B.F. **O impacto da pandemia na construção civil.** *Boletim do Gerenciamento*, v. 20, n. 20, p. 71-80, 2020.

- PESQUISA ANUAL DO COMERCIO. (PAC). 2020. Disponível em: < <https://questionarios.ibge.gov.br/>> Acesso em: 01 de dez de 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE). **Pandemia faz produção industrial cair 9,1% e ter pior março desde 2002**. 2020. Agência IBGE Notícias. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27576-pandemia-faz-producao-industrial-cair-9-1-e-ter-pior-marco-desde-2002>> Acesso em: 01 de dez de 2022.
- RESENDE, M. F. **Emissão de moeda e dívida durante a pandemia do Covid-19**. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.
- REZENDE, A.A.; MARCELINO, J.A; MIYAJI, M. **A reinvenção das vendas: as estratégias das empresas brasileiras para gerar receitas na pandemia de covid-19**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 6, p. 53-69, 2020.
- ROCHA, P.H. *et al.* **COVID-19: uma reflexão geográfica sobre as diferenciações patológicas**. Ensaios de Geografia, v. 6, n. 12, p. 133-160, 2020.
- ROUBINI, N. A. **Greater Depression? Project Syndicate**, [S.l.], p. 1-5, 24 mar. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/coronavirus-greater-great-depression-by-nourielroubini-2020-03>> Acesso em: 01 de dez de 2022.
- SAEZ, E.; ZUCMAN, G. **Keeping business alive: the government as buyer of last resort**. Econfif Research Brief, 2020.
- SANTOS, R. F. **Modelo de Estudos de Eventos: Retornos Anormais como Impacto da Covid-19 em Ações de Empresas de Turismo no Brasil**. Boletim Economia Empírica, 1(4), 2020.
- SANTOS, G. *et al.* **Análise do desempenho econômico-financeiro da empresa CVC**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 6, n. 2, 2014.
- SILBER, Simão Davi. **A fragilidade econômica e financeira na pandemia do Sars-Covid-19**. Estudos Avançados, v. 34, p. 107-115, 2020.
- SILVA, C.P; MACHADO, M.A.V. **O efeito do fluxo de investimentos estrangeiros sobre a comunalidade na liquidez no mercado acionário brasileiro**. Revista Contabilidade & Finanças, v. 31, p. 425-443, 2020.
- SILVA, J. M. (2016) **A influência do ciclo de vida organizacional sobre o nível de planejamento tributário**. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.
- TOMÉ, L. M. Setor de turismo: impactos da pandemia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, n. 124, 2020.
- TU, L.; SAYSON, I. Philippines Becomes First Country to Shut Financial Markets Thanks to Virus. Disponível em: <shorturl.at/fvC39> Acesso em: 01 de nov de 2022.

VALENTE JUNIOR, A. S. Setor automotivo nos primeiros dez meses de 2020. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano III, n.181, 20 nov.2020. (Diário Econômico ETENE, n.181).

WU, Di *et al.* **The SARS-CoV-2 outbreak:** what we know. International journal of infectious diseases, v. 94, p. 44-48, 2020.

YOSHINAGA, C.; CASTRO, F. H. **Decisões financeiras em momentos de crise.** GV-executivo, v. 19, n. 3, p. 24-28, 2020.